

Pedro Agostinho da Silva: uma homenagem

Rafael José de Menezes Bastos¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Resumo

Este é uma homenagem a Pedro Agostinho da Silva realizando um memento da sua Antropologia. Convivi longamente com ele, inclusive em trabalho de campo. Pedro é um pioneiro da Antropologia, a politicidade sendo fundadora dela. Em seu clássico sobre o *Kwarip*, ritual funerário xinguano, a chave de entendimento está na dialética entre o mito e o rito – a dança aí tendo interesse estratégico – e na equação temporal de longa duração do rito. Além de etnógrafo brilhante, Pedro fundou e dirigiu instituições importantes, entre elas, estão o Centro Brasileiro de Estudos Indígenas, em Brasília, o Museu de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia e o Programa Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro, também da UFBA. Participou da criação da Seção da Bahia da Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAÍ). Juntamente com um grupo ilustre de colegas latino-americanos, foi, em 1971, um dos participantes da célebre Declaração de Barbados.

Palavras-chave: Indígenas Kamayurá. Kwarip. Mito. Rito e Dança. Rituais de Longa Duração.

Pedro Agostinho da Silva: homage

Abstract

This article is homage to Pedro Agostinho da Silva, making a memento of his anthropology. Pedro is a pioneer of Anthropology, politicity being one of its founders. I lived with him during long time, including in fieldwork. In his classic about *Kwarip*, a Xinguano funerary ritual, the key of understanding is the dialectics between myth, ritual and dance, and the long duration of the ritual. Besides being a brilliant ethnographer, Pedro founded important institutions, the Brazilian Center for Indigenous Studies, in Brasília, the Museum of Anthropology and Ethnology of the Federal University of Bahia, and the Program “Indigenous People of Brazilian Northeast”, also at UFBA, are among them. He was a participant of the creation of the branch in Bahia of the National Association for Indigenous Action (ANAÍ). Together with an illustrious group of Latin-American colleagues, in 1971 he was one of the signers of the Declaration of Barbados.

Keywords: Kamayurá Indians. Myth. Ritual and Dance. Long Duration Rituals.

Recebido em: 10/07/2023

Aceito em: 07/08/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Introdução

Pretendo neste texto homenagear Pedro Agostinho da Silva, recentemente falecido¹, e brevemente estudarei sua Antropologia. Tive o privilégio de conviver com ele, inclusive na aldeia Kamayurá em 1969, quando ambos fazíamos trabalho de campo. Vou centrar meu ensaio em dois aspectos originais de sua contribuição: a Antropologia do ritual e a politicidade de sua postura.

Quando, em 1969, cheguei à aldeia Kamayurá, Pedro estava lá já há algum tempo. A aldeia, situada às margens da Lagoa Ipavu (nome com o qual é conhecida no português de contato), contava com sete casas de residência. Pedro então concluía seu trabalho de campo, que resultou em uma dissertação de mestrado sob a orientação de Eduardo Galvão na UnB. Em 1974 foi publicada como o futuro clássico, *Kwarùp: Mito e Ritual no Alto Xingu*, conforme aponta Agostinho (1974). Em Brasília, convivi muito com ele e sua esposa, Rosa Virgínia Mattos e Silva, linguísta, especialmente a partir de 1968, com a fundação, sob a direção de Pedro, do Centro Brasileiro de Estudos Indígenas, do qual me tornei membro, dirigindo seu setor de Etnomusicologia.

2 Desenvolvimento

Como se sabe, Pedro foi aluno de Galvão, o primeiro antropólogo brasileiro a fazer seu doutorado na Universidade Columbia, nos EUA. Ali, ele foi aluno de Charles Wagley, brasilianista de prestígio. Galvão, por meio de Wagley, partilhava uma herança Boasiana – ligada à chamada Antropologia dos quatro campos – encontrando também em Julian Steward um forte legado (PACE, 2014).

Em 1969, realizei minha primeira visita à aldeia Kamayurá, com financiamento do CBEI. Recordo que, em 1968, no Centro, havíamos lido alguns textos conjuntamente, como *O Pensamento Selvagem*, e o primeiro volume das *Mitológicas*, ambos de Lévi-Strauss. Além de mim, Olympio e Ordep Serra e Rosa participavam dos encontros, coordenados por Pedro. Também, individualmente li e reli ali alguns clássicos da Etnomusicologia, como *The Anthropology of Music* (Merriam) e *Music in Primitive Culture* (Nettl). Li também no Centro grande parte da literatura então disponível sobre a língua Kamayurá e a família linguística Tupi-Guarani em geral. Neste último aspecto, contei com a preciosa ajuda de Rosa, Pedro e Carl Harrison, linguísta tupinólogo.

¹ Conforme aponta Valentini (2023) para uma *Nota de Pesar*: Obrigado a Silvia de Oliveira Beraldo, pela preciosa ajuda na elaboração desse escrito. Devo grande parte do que vai neste breve texto à leitura de Valentini (2020).

Cheguei ao Parque Indígena do Xingu no campo de pouso do Posto Leonardo pelo meio de uma manhã em abril de 1969. Havia partido de Goiânia, viajando em um DC-3 do Correio Aéreo Nacional. Dali, fui de trator até o Posto. Lá, estavam Orlando Villas-Bôas, fundador e então diretor do Parque Nacional do Xingu, Cláudio Villas-Bôas, Chefe do Posto Diauarum, muitos índios de várias aldeias, alguns deles residentes no Posto como funcionários. Fiquei hospedado no Leonardo por uns dias. Esperava transporte para os Kamayurá, 12 km distante.

Quando cheguei à aldeia, ela estava vivenciando o ritual feminino do Amurikumã, que gravei intensamente. Não pretendia estudar esse rito, mas eu me entreguei a gravar tanto quanto possível o seu sistema cancional². Tinha como intenções treinar a gravação de ritos em campo, assim como construir meu universo de relações com os/as Kamayurá. Fiz isso por cerca de dois meses, simultaneamente convivendo como uma espécie de júnior com o meu amigo. Pedro voltou a Brasília antes de mim. Ele havia terminado de realizar minha iniciação na Antropologia, daí eu ter passado a chamá-lo de guru, valorizando a origem no sânscrito dessa palavra.

Tivemos uma convivência muito intensa e criativa na aldeia. Pedro trabalhava muito com Wahu, grande mitólogo, que no futuro desempenharia papel muito importante em minha própria formação.

Pedro e eu fazíamos refeições, tomávamos banho juntos (na Lagoa Ipavu) e muito mais – conversávamos dia e noite. Nessa época, com os meus interlocutores indígenas, eu estudava muito a música e a teoria musical com suas conexões mito-cosmológicas e a organologia Kamayurá, o que foi crucial para o que viria a seguir em minha vida com os Kamayurá, desembocando em minha dissertação de mestrado, defendida na UnB e depois publicada com o título de *A Musicológica Kamayurá* pela Funai (MENEZES BASTOS, 1978).

Relevarei três aspectos da abordagem de Pedro em seu clássico sobre o Kwarìp: a sua chave de entendimento do ritual. Esse aspecto está presente no título da obra como mito; a ênfase de sua compreensão na Coreologia do rito, intermediada pelo farto uso de diagramas e de fotos de grande interesse; e a equação temporal do rito como de longa duração.

Vale dizer que a palavra Kamayurá moroneta, traduzida muitas vezes como “mito”, aponta o sentido geral de “explicar”. Note-se que não estou aqui me referindo à categoria “mito” por oposição à de “história”, conforme usada pela Antropologia clássica, como por Malinowski, tipicamente em Argonautas do Pacífico Ocidental. Aponto, isso sim, a ideia geral de compreensão, conhecimento, explanação e similares, tornadas possíveis por meio de narrativas verbais, muitas vezes intermediadas por cânticos. No português de contato, diz-se “história”. Essas histórias narram ações de seres primevos – heróis – tudo ocorrendo no tempo também primevo. Em *A Musicológica*, elaborei esse ponto, considerado sob o ponto de vista da oposição entre as categorias Kamayurá mawe e ang, que traduzi como, respectivamente, tempos mítico (antigamente) e histórico (recente).

² Em 2005, orientei no PPGAS-UFSC a tese de doutorado de Mello (2005), autora que, apesar de ter falecido precocemente, é dona de uma importante obra antropológica e etnomusicológica, de teor eminentemente feminista. A tese citada tematiza o Amurikumã entre os Wauja (também chamados de Waurá) do Alto Xingu.

Considero esse o primeiro aspecto importante na Antropologia do ritual presente no clássico de Pedro. O ritual, no caso o rito funerário do Kwarìp, é compreendido pelos Kamayurá com base em explicações verbais que reportam o rito como um conjunto de ações de seres primevos, ações essas que tiveram lugar nos primórdios. Note-se que esses primórdios com os seus seres e acontecimentos são para os Kamayurá tão reais como aquilo que tem lugar no tempo de agora (agora é uma das possíveis traduções de ang).

O livro de Pedro tem um número abundante de diagramas e fotos do Kwarìp. Trata-se de um ritual rico em movimentação (em linha, bloco, arco, etc.), dança e expressão corporal, esses diagramas e fotos procurando reportar esse aspecto, para Pedro absolutamente crucial, tanto quanto para os indígenas. Refiro-me a esse ponto como a ênfase do livro na Coreologia do rito. Como se sabe, a Coreologia é a disciplina que se ocupa do estudo da dança. Esse aspecto é apresentado no livro, como já dito, por meio de um número significativo de diagramas e fotos. Julio Cezar Melatti (já em 1976) valorizou essa dimensão, constatada como amplamente relevante depois (BARCELOS NETO, 2008; FAUSTO; FRANCHETTO; MONTAGNANI, 2011; MENEZES BASTOS, 2017; 2019).

A inscrição temporal do rito como de longa duração é o terceiro ponto que gostaria de salientar no livro. Neste, a descrição do Kwarìp coloca-o como tendo uma duração muito superior aos meros momentos de sua apresentação imediata. Essa duração, segundo Pedro, aponta um ciclo de meses, constituído por eventos que vão desde o falecimento do chefe ao qual ele é dedicado até o encontro do grupo do falecido (anfitrião) com os grupos convidados. Esse tempo longo dos ritos dos xinguanos tem sido cada vez mais salientado por xinguanistas mais recentes, por exemplo, Mello (2005), apontando para os rituais por outro lado como verdadeiros construtores do tempo.

A politicidade da Antropologia era fundamental para Pedro. Uma politicidade profundamente imbricada como sua essência acadêmico-científica. Recordo que em 1968 ele organizou e dirigiu o Centro Brasileiro de Estudos Indígenas (CBEI), onde eu – como já dito – atuei dirigindo o setor de Etnomusicologia. O CBEI foi uma entidade independente, de curta duração. Sua organização apontava uma intenção acadêmica voltada para a realização de seminários, estudos e pesquisas de campo antropológicas e linguísticas. Somente em 1973, quando ingressei na UnB para cursar o Mestrado, encontrei seminários com a qualidade daqueles que vivi no CBEI. Acredito que Pedro levou para o CBEI a experiência dos seminários que vivenciou na UnB, sob a condução de Eduardo Galvão.

O Museu de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia é outra instituição que tem Pedro como seu fundador e seu diretor por duas vezes (PEREIRA, 2013). Trata-se de uma instituição de grande relevância no campo antropológico, no sentido Boasiano ampliado, quando a antropologia está em conexão com a arqueologia, a linguística, a história e as disciplinas congêneres. A independência do CBEI e a relevância do Museu – com essa amplidão Boasiana – apontam de maneira firme para a politicidade da Antropologia exercida por Pedro.

Pedro teve uma participação muito importante na ABA, em suas reuniões gerais e em muitos outros eventos. De 1984 a 1986, ele foi membro da direção da Associação, juntamente com Roberto Cardoso de Oliveira e Marisa Veloso, quando tiveram uma atuação muito relevante. Participou, com integrantes do PINEB (veja adiante), da

criação da Seção da Bahia da Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAÍ). Nesses dois papéis, ele teve uma contribuição marcante nas discussões que desembocaram na Constituinte de 1988.

Em 1971, Pedro fundou um dos mais importantes e duradouros centros de estudos, pesquisas e ações americanistas do Brasil, o Programa Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB), da Universidade Federal da Bahia³. Trata-se de um Programa virtuoso em vários sentidos, tipicamente agostinianos – no qual os aspectos acadêmicos e políticos são imbricados de nascença. Hoje sob a direção da professora Maria Rosário de Carvalho, legítima herdeira de Pedro e professora emérita da UFBA, o PINEB é um espaço de formação e desenvolvimento de estudantes de graduação e de pós-graduação e de pesquisadores espalhados pelas universidades da Bahia e de outros estados do Nordeste. Na época de sua criação, recordo que eu dizia a Pedro que ele era o pioneiro do estudo sobre os indígenas da Bahia e do Nordeste, até então tentativamente apagados em sua indianidade por uma política da aculturação interesseira de empresários, fazendeiros e similares, abrigados por um Estado francamente colaboracionista. No PINEB, Pedro supervisionou as pesquisas de um grande número de estudantes de graduação e de pós-graduação.

Também no PINEB Pedro trabalhou na concretização do Fundo de Documentação Histórica Manuscrita sobre os Índios na Bahia (FUNDOCIN), que inclui senão a totalidade grande parte da documentação histórica disponível sobre os indígenas na Bahia (VALENTINI, 2020).

Nesse mesmo 1971 prenhe de realizações, Pedro, juntamente com Darcy Ribeiro⁴, Carlos de Araújo Moreira Neto, Sílvio Coelho dos Santos, Miguel Alberto Bartolomé, Nelly Arevelo de Jiménez, Guillermo Bonfil Batalla, Esteban Emilio Mosonyi, Víctor Daniel Bonilla, Gonzalo Castillo Cárdenas, Miguel Chase-Sardi, Scott S. Robinson, Stefano Várese e Georg Grünberg, tomando parte do simpósio sobre a fricção interétnica na América do Sul, participou da elaboração da célebre Declaração de Barbados. Essa Declaração recomenda aos governos e às sociedades latino-americanos, entre outros pontos relevantes, que as pesquisas antropológicas sejam feitas em aliança com os indígenas (BRITO, 2004; IELA 2022). Esse é um aspecto crucial e inovador para a época, digno da lista acima de antropólogos profundamente engajados com as populações indígenas da América Latina.

³ Consultar em: [http://www.cienciassociais.ffch.ufba.br/pineb-pesquisas-sobre-povos-indigenas-do-nordeste-brasileiro#:~:text=O%20PINEB%20%2D%20Programa%20de%20Pesquisas,Patatax%C3%B3%20de%20Barra%20Velha%20\(Mun.](http://www.cienciassociais.ffch.ufba.br/pineb-pesquisas-sobre-povos-indigenas-do-nordeste-brasileiro#:~:text=O%20PINEB%20%2D%20Programa%20de%20Pesquisas,Patatax%C3%B3%20de%20Barra%20Velha%20(Mun.)

⁴ As relações de Pedro com Darcy eram muito fortes, tendo sido Darcy o responsável pela mudança de seu pai, o professor Agostinho da Silva, exilado no Brasil do Portugal salazarista. O professor Agostinho (SÁ, 2013), juntamente com o professor Eudoro de Souza, foram arregimentados por Darcy para serem professores na UnB. Até então ambos residiam em Florianópolis, onde eram professores na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, preexistente à UFSC. Recordo que foi aqui em Florianópolis que Pedro, no Costão do Santinho, sofreu o acidente no pé direito que lhe obrigou a usar muletas por toda a vida. Agradeço a sua filha, Lia Mattos, por essas e outras informações importantes para este texto, pelo qual sou o único responsável. Também tive o prazer de orientar o mestrado de Lia (SILVA BASSO, 2016).

3 Considerações Finais

Para fechar esta breve homenagem, gostaria de deixar marcado de maneira explícita meu reconhecimento da definitiva influência que Pedro tem até hoje sobre mim. Não sou a primeira pessoa a afirmar isso. Sobre os nossos dois talvez principais livros, *Kwarîp* e *Jaguatirica*, Valentini (2020, p. 124) sublinha fortemente seu grande paralelismo – de irmãos sênior e júnior – do qual eu só recentemente dei-me conta. No plano político, essa influência é muito forte também, espalhando-se por toda a minha antropologia e ação, inclusive na ABA – na qual já tive participação significativa – na Funai, quando fui funcionário ali, expulso em 1980 ainda durante a ditadura pregressa (recordando Galvão, Roberto e Darcy), por motivos exatamente políticos, na academia como estudante e como professor e, por fim, para não mais detalhar, como cantor Kamayurá aprendiz: os Kamayurá apreciavam muito ouvir Pedro cantando especificamente uma das canções do Kwarîp: “[...] Mawu yanahareawirihereetomawarehehe [...]”. Atualmente é o que mais faço quando vou à aldeia Kamayurá – cantar. Os índios me pedem para cantar o Yawari (Jaguatirica), pois dizem que eu sou o único velho (mùra) que sobreviveu e sabe cantá-lo. (Yamot Petruarehe) Saudades de Pedro.

Referências

- AGOSTINHO, Pedro Agostinho da. **Kwarîp: mito e ritual no Alto Xingu**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1974.
- BARCELOS NETO, A. **Apapaatai: Rituais de Máscaras no Alto Xingu**. São Paulo: EDUSP-FAPESP, 2008.
- BASTOS, Fernando José de M. **Eudoro de Sousa e a Complementariedade do Horizonte**. 1990. 106p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1990.
- BRITO, Antonio José Guimarães. **Povos Indígenas e Relações Internacionais: a tolerância como princípio nas relações interétnicas**. 2004. 136p. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- FAUSTO, C.; FRANCHETTO, B.; MONTAGNANI, T. Les formes de la mémoire: arts verbaux et musique chez les Kuikuro du Haut Xingu (Brésil). **L’Homme**, [s.l.], v. 197, p. 41-70, 2011.
- IELA – INSTITUTO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS. **Primera Declaración de Barbados: por la Liberación del Indígena**. Florianópolis: IELA-UFSC, 2022.
- MELATTI, Julio Cezar. Sobre o livro “Kwarîp: mito e ritual no Alto Xingu”, de Pedro Agostinho. **Pesquisa Antropológica**, [s.l.], n. 7, p. 12-13, 1976.
- MELLO, Maria Ignez Cruz. **Iamurikuma: música, mito e ritual entre os wauja do Alto Xingu**. 2005. 335p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. **A Musicológica Kamayurá: para uma Antropologia da Comunicação no Alto Xingu**. Brasília, DF: Funai, 1978.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. Tradução Intersemiótica, Sequencialidade e Variação nos Rituais Musicais das Terras Baixas da América do Sul. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 60, p. 342- 355, 2017.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. **A Festa da Jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.

PACE, Richard. O legado de Charles Wagley: uma introdução. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 9, n. 3, p. 597- 615, set.-dez. 2014.

PEREIRA, Cláudio Luiz. **Boletim Informativo do Museu de Antropologia e Etnologia, edição especial sobre Pedro Agostinho**, Salvador, n. 4, ano 1, abril-maio, 2013.

SÁ, Lucia Helena Alves de. **Em torno do pensar poetizante de Agostinho da Silva**. 2012. 177p. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

SILVA BASSO, Lianor Maria Mattos. **Memórias do Futuro: olhares da Costa da Lagoa da Conceição**. 2016. 181p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

VALENTINI, Luísa. **Arquivos do futuro: relações, caminhos e cuidados no arranjo preliminar da documentação pessoal de antropólogos (pessoal)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2022.

VALENTINI, Luísa. **Nota de Pesar**. São Paulo: Centro de Estudos Ameríndios, Departamento de Antropologia, USP, 2023.

Rafael José de Menezes Bastos

Bacharel em Música pela Universidade de Brasília (1968), mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1976) e doutor em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1990). Professor Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, aposentado, voluntário. Coordena o núcleo de estudos “Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e Caribe” (MUSA). Foi professor e/ou pesquisador visitante em várias universidades europeias (Portugal, França) e americanas (Estados Unidos, Canadá). Publicou mais de cem artigos e capítulos de livros, dois livros autorais e uma coletânea. Atua como conselheiro editorial de várias publicações no Brasil e no estrangeiro. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia e Etnomusicologia Indígenas, atuando principalmente nos seguintes temas: música nas terras baixas da América do Sul, Alto Xingu, música popular, Santa Catarina e música na América Latina e Caribe.

Endereço profissional: UFSC, Departamento de Antropologia, Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-535.

E-mail: rafael.data.base@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1788-6050>

Como referenciar este artigo:

BASTOS, Rafael José de Menezes. Pedro Agostinho da Silva: uma homenagem. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 3, e95406, p. 100-106, setembro de 2023.